

EP-165

ESTUDO DA ASSOCIAÇÃO DE
POLIMORFISMOS GENÉTICOS DA IL-18 NA
COVID-19

Fernanda Ivanski, Bárbara Luisa Fermino,
Pedro Luis Candido de Souza Cassela,
Carlos Eduardo Buss,
Kamila Chagas Peronni Zueli,
Isabela Medeiros de Oliveira,
Andréa Name Colado Simão,
Angélica Beate Winter Boldt,
David L. Alves Figueiredo, Emerson Carraro

Instituto para Pesquisa do Câncer de Guarapuava
(IPEC), Guarapuava, PR, Brasil

Introdução: Há evidências da associação da gravidade da COVID-19 com níveis séricos elevados da interleucina-18 (IL-18), as variantes genéticas desta citocina podem influenciar sua expressão e níveis séricos, contribuindo para a gravidade da COVID-19, há poucos estudos que correlacionam os polimorfismos genéticos da IL-18 com a gravidade desta doença, por isso buscamos contribuir para a compreensão da heterogeneidade clínica e desfecho em uma amostra da população brasileira de pacientes com COVID-19.

Objetivo: Avaliar a associação dos polimorfismos no gene da IL-18 com a gravidade clínica e desfecho da COVID-19 em uma amostra do estado do Paraná (PR).

Método: O estudo incluiu 158 pacientes de ambos os sexos, que recorreram ao serviço de atendimento hospitalar no período de junho a novembro de 2020 e que testaram positivo para SARS-CoV-2/RT-PCR+. Foram incluídos pacientes advindos da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO) de Guarapuava; da Universidade Estadual de Londrina (UEL) em Londrina e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) em Curitiba. As análises moleculares foram realizadas no Instituto para Pesquisa do Câncer (IPEC) de Guarapuava - PR. A coorte foi composta por 3 grupos e a estratificação dos casos foi feita por gravidade, conforme critérios estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde.

Resultados: Avaliamos as variantes da IL-18 associados a gravidade da COVID-19 (casos leves x casos moderados e graves) e obtivemos os seguintes polimorfismos: rs360721 (alelos: C/G /freq: 0.22/ OR 1.603 (0.849; -3.026)/p: 0.1456), rs549908 (alelos: G/T /freq: 0.22/ OR 1.285 (0.6617; -2.496)/p: 0.4588), rs45497197 (alelos: T/C /freq: 0.01/ OR 0.2173 (0.01918; -2.463)/p: 0.2179), rs147751347 (alelos: T/G /freq: 0.02/ OR 1.532 (0.3591; -6.539)/p: 0.5643), rs141025779 (alelos: A/G /freq: 0.02/ OR 1.657 (0.3826; - 7.178)/ p: 0.4994), rs4988359 (alelos: C/T /freq: 0.14 / OR 1.166 (0.5261; -2.584)/p: 0.7052). Consideramos também a associação entre o desfecho clínico (recuperados x óbitos), neste cenário encontramos apenas uma variante: rs549908 (alelos: G/T / freq: 0.22 / OR 0.2556 (0.08; - 0.78)/p: 0.01757).

Conclusão: Esses achados sugerem que a variante do gene da IL-18, rs549908, está associado ao desfecho clínico da COVID-19 e que são necessários mais estudos para avaliar

importância das variantes genéticas do gene da IL-18 como marcadores de prognóstico na doença.

Ag. Financiadora: Fundação Araucária.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102593>

EP-166

COVID-19 EM PACIENTES COM CÂNCER APÓS
VACINAÇÃO E DURANTE O PERÍODO DE
PREDOMINÂNCIA DA VARIANTE ÔMICRON:
UM NOVO CENÁRIO

Leonardo Barbosa Rodrigues,
Diogenes Coelho Junior,
Valdirene Santos F. Cabral,
Odéli Nicole E. Sejas, Raquel Keiko de L. Ito,
Susana Ariane S. Viana, Bianca Leal Almeida,
Adriana Satie G.K. Magri, Paulo Hoff,
Edson Abdala

Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (Icesp),
São Paulo, SP, Brasil

Introdução: Os dados de Covid-19 em indivíduos com câncer demonstram maior risco de complicações, maior chance de internações e pior prognóstico. Porém não está claro se essa gravidade se mantém com as mais recentes variantes e após a expansão da vacinação.

Objetivo: Avaliar os desfechos da infecção por SARS-CoV-2 em pacientes com câncer durante a predominância da variante Ômicron e após vacinação em larga escala, e comparar com os dados do período inicial da pandemia.

Método: Estudo de coorte retrospectivo, realizado em janeiro/2022 no Instituto do Câncer do Estado de São Paulo. Foram incluídos todos os casos confirmados de COVID-19, definidos por PCR ou Teste rápido (antígeno) positivos. Dados obtidos das planilhas do SCIH, derivadas de busca ativa e prospectiva do Serviço. As seguintes variáveis foram avaliadas: idade, sexo, etnia e diagnóstico oncológico. Os desfechos definidos foram: mortalidade, internação, internação em UTI e uso de ventilação mecânica invasiva (VMI) em pacientes internados na UTI. Dados comparados com a casuística publicada do Instituto, referente ao período de 31/03 a 02/09/2020.

Resultados: Foram incluídos no período de janeiro/2022 554 casos, e no período anterior (série histórica, 2020) 576 casos. Idade mediana 55a no grupo atual vs 63a na série histórica; 55,6% vs 50,7% mulheres. Os principais diagnósticos oncológicos foram trato gastro-intestinal (19,9% no grupo atual vs 20,4% na série histórica), mamas (13,7% vs 13,7%), gênito-urinário (11,4% vs 10,5%) e onco-hematológicos (16,4% vs 17,7%). Os desfechos, com respectiva comparação com a série histórica, estão demonstrados na tabela 1.

Conclusão: No estudo atual, observamos melhora significativa na evolução da Covid-19 em pacientes com câncer, incluindo menor gravidade e mortalidade. A mudança no prognóstico pode dever-se a alguns fatores, ou associação dos mesmos: maioria da população com esquema vacinal completo; predominância de variante eventualmente menos

virulenta (Ômicron); melhor manejo diagnóstico e terapêutico da infecção.

Tabela 1

Desfechos	Série Histórica %	Janeiro 2022 %	p (x ²)
Mortalidade	49,3	15,7	p < 0,0001
Internação	85,9	54,3	p < 0,0001
UTI	39,1	13,5	p < 0,0001
VMI	84,4	54,7	p < 0,0001

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102594>

EP-167

PRÁTICA DO USO DE MÁSCARAS ENTRE A POPULAÇÃO BRASILEIRA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Milena Cristina Couto Guedes,
Hevelyn dos Santos da Rocha,
Gabriel Nascimento Santos,
Maithê de Carvalho e Lemos Goulart,
Fernanda Garcia Bezerra Góes,
Silmara Elaine Malaguti Toffano,
Ana Cristina de Oliveira e Silva, Elucir Gir,
Simon Ching Lam,
Fernanda Maria Vieira Pereira-Ávila

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ,
Brasil

Introdução: Com advento da coronavirus disease (COVID-19), a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou o uso de máscaras como parte das medidas de prevenção contra a doença e sua utilização por toda população é uma estratégia para reduzir a taxa de transmissibilidade do vírus, atuando como uma barreira física. Destaca-se que a prática do uso de máscaras entre a população é uma intervenção de saúde pública de baixo custo e tem por objetivo a autoproteção e proteção do outro em ambientes públicos, de saúde e domiciliares. Entretanto, tal prática, até então incomum no cotidiano brasileiro, pode ainda ser influenciada ou negligenciada pela propagação de diversas informações e pela disseminação de Fake News relacionados a COVID-19. Esse conjunto de fatores poderia dificultar a adesão ao uso de máscara pela população, sobretudo brasileira.

Objetivo: Investigar a prática do uso de máscaras entre a população brasileira durante a pandemia de COVID-19.

Método: Estudo transversal online realizado entre a população brasileira nos meses de abril e maio de 2020 e 2021. Os dados foram coletados através de mídias sociais por meio de dois instrumentos: Formulário de Informações Gerais e a Versão para o Português do Brasil da Face Mask Use Scale (FMUS). Para análise de dados no software IBM® SPSS v.22, utilizou-se o Test T de Student e Análise de Variância (ANOVA) para comparação de médias da escala e respostas “sim” ou “não” para contato com a COVID-19. O estudo atendeu a todos os requisitos éticos e foi aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa sob o nº de parecer de aprovação 3.971.512.

Resultados: Participaram do estudo 24.344 (100%) brasileiros. O escore obtido da FMUS foi de 21,3 (DP = 7,3; Min:6,0;

Máx:30) demonstrando a prática do uso de máscaras entre a população brasileira de 71,0%, sendo o escore maior para autoproteção 10,9 (DP = 3,5) do que para proteção do outro 10,3 (DP = 4,1). Dentre as médias dos componentes da escala e os padrões de respostas “sim” ou “não” em relação ao contato com a COVID-19, os indivíduos que afirmaram ter contato com a COVID-19 utilizaram mais máscaras, com destaque para autoproteção, em comparação aos que não tiveram contato com a doença (p = 0,000).

Conclusão: Torna-se, portanto, evidente que a prática do uso de máscaras entre a população brasileira foi positiva mesmo diante das atuais circunstâncias econômicas desfavoráveis, da falta de incentivo pelas autoridades e pelo fato de seu uso ser recente em países ocidentais, principalmente no Brasil, durante a pandemia da COVID-19.

Ag. Financiadora: Chamada MCTIC/CNPQ/FNDCT/MS/SCTIE/DECIT N° 07/2020.

Nr. Processo: CNPQ N° 401371/2020-4.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102595>

EP-168

ÍNDICE DE SOBREVIVÊNCIA EM PACIENTES DA COVID-19 INTERNADOS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA EM HOSPITAL DE FRONTEIRA AMAZÔNICA

Iara de Melo Resende Veras,
Emanuelly Leite Soares,
Jordana Soares Farias Martins,
Karina Valente de Moraes Santos,
Hugo Flávio Pereira Raposo,
Thiago César Reis Pereira

Universidade Estadual de Roraima (UERR), Boa Vista, RR, Brasil

Introdução: As doenças respiratórias e cardíacas fazem com que os pacientes com Covid-19 tenham um pior prognóstico. Junto a isso, pessoas com diabetes mellitus (DM) têm 8,7 vezes mais chances de evoluir para óbito e pessoas com hipertensão arterial sistêmica (HAS) tem 7,4 vezes mais chances.

Objetivo: Definir as principais comorbidades associadas à forma grave da Covid-19 e ao óbito pela doença.

Método: Tratou-se de uma pesquisa quali-quantitativa, em que foi realizado um levantamento de dados por meio de análise de prontuários de pacientes internados na unidade de terapia intensiva (UTI) do Hospital Geral de Roraima (HGR) entre 01 de agosto de 2021 e 01 de outubro de 2021. O estudo é comparativo e descritivo e foram analisados 20 leitos, ao final do estudo. Foram inclusos indivíduos não indígenas, de ambos os sexos e com idades entre 18 e 90 anos, com diagnóstico de Covid-19, internados na UTI do HGR, em uso de ventilação mecânica invasiva ou oxigenoterapia de alto fluxo.

Resultados: Foram notificados 46 casos de pacientes de Covid-19 com comorbidades. A maioria dos casos ocorreu em pacientes de até 88 anos (81%). Em relação aos óbitos, 63,2% ocorreu em pacientes com idade entre 40 e 88 anos e a maior letalidade foi observada em idosos a partir de 80 anos. Ao